

SÃO JOÃO DE COVAS EM 1758

Memória paroquial, toponímia e património (II)

No mês passado retomou-se o ciclo de artigos dedicado às Memórias Paroquiais de 1758 com a 1.ª parte da análise à memória de São João Evangelista de Covas, no qual se inseriu a transcrição das respostas ao inquérito que o pároco redigiu. O trabalho de divulgação desta fonte histórica, que se propõe elaborar, incide sobre três temáticas: Património, Toponímia e Personalidades. Na 1.ª parte (suplemento de agosto de 2018) já se abordaram questões gerais relativas à paróquia e à sua igreja. Agora conclui-se a análise do Património, com a referência às três capelas existentes em 1758, e introduz-se a análise à Toponímia e uma breve biografia das duas personalidades que, há 260 anos, eram consideradas relevantes: o Dr. José Teles de Meneses e Melo e o sargento-mor António do Couto Ribeiro.



3. CAPELAS

Dos quesitos inscritos no inquérito paroquial de 1758 um dos que mais curiosidade suscita é, sem dúvida, o que se relaciona com a existência e administração de capelas ou ermidas. Associada a esta pergunta, surge igualmente a questão que se prende com a devoção popular e a afluência de devotos aos templos mencionados.

O pároco de Covas referiu três capelas, identificando os seus administradores e as vivências religiosas que lhes estavam ligadas. Atualmente, estas capelas apresentam profundas alterações relativamente à sua forma original, como ficará expresso na breve análise que se seguirá.

3.1. Capela de Nossa Senhora do Amparo

A localização desta capela não foi fortuita. O local da sua construção original foi propositado e propunha-se a servir uma intenção devocional muito característica da Contra-Reforma e ensaiada até à exaustão pela arte barroca, preponderantemente na sua vertente efémera. A capela de Nossa Senhora do Amparo, juntamente com a capela do Calvário, constituíam o culminar de uma imponente Via Sacra que se desenvolvia a partir da igreja matriz, passando por diversos lugares da freguesia.



FIGURA 1
Base e fragmento
do cruzeiro
dedicado a N. S. do
Amparo

Com efeito, foi a edificação da Via Sacra que desencadeou a construção de duas pequenas capelas, que deveriam ser, inicialmente, uns simples nichos em arco¹, para receberem e abrigarem o cruzeiro representativo da Crucifixão e o da *Pièta*, tipo específico do tema da arte cristã designada por Lamentação de Cristo. A *Pièta* representa Maria com o corpo do filho morto no colo, após a sua retirada da cruz.

Esta imagem esculpida em pedra e unida a um cruzeiro², à qual foi atribuída popularmente a sugestiva invocação “do Amparo”, rapidamente suscitou uma forte devoção, levando à necessidade de organizar e gerir o seu culto. Assim nasceu a Confraria de Nossa Senhora do Amparo, com estatutos aprovados em 1724, e muito pouco tempo depois terá sido edificada a capela original, cuja estrutura ainda subsiste, parcialmente, incorporada na nova capela. Foi a este conjunto arquitetónico que se referiu o pároco memorialista em 1758. De então para cá, sucederam-se várias alterações, sendo a mais expressiva a que ocorreu no século XX e que determinou uma profunda alteração à construção primitiva.

A pequena capela não foi demolida na totalidade como se previa no projeto de construção do novo edifício. Ao contrário do que estava estabelecido, uma considerável parte da sua estrutura foi mantida. Trata-se do corpo que está integrado no alçado nascente, entre a sacristia e a torre sineira inacabada. Pode-se observar que a capela primitiva terá tido como início um simples nicho abobadado para recolhimento da imagem e da cruz, que depois foi adaptado, através da construção de paredes, a uma pequena capela com cobertura de duas águas e cornija a percorrer o entablamento. A sineira em arco redondo que se vê a encimar a parede da capela atual deveria estar associada à capela antiga. Pelo interior, é perceptível a pequena abóbada de berço em pedra que servia de cobertura. Aí encontramos um retábulo muito simples, neoclássico, em que se destacam as colunas com nervuras helicoidais e as

¹Um pouco à semelhança das capelas da Piedade na freguesia vizinha de Sousela. A Via Sacra de Sousela, da qual ainda subsistem alguns cruzeiros datados, é praticamente coeva da de Covas.

²Esta imagem foi alvo de um atentado com um explosivo que a fraturou, pulverizando em pedaços uma grande parte da sua estrutura.

grinaldas que rodeiam a tribuna.

A 10 de Junho de 1932, o pároco de Covas, abade António Joaquim Teixeira de Carvalho, representa junto do bispo do Porto a sua pretensão, juntamente com os membros da confraria, de construir uma nova capela de Nossa Senhora do Amparo. Era ainda referido que a capela mais pequena, que aqui identificamos como a capela do Calvário, mencionada pelo padre Francisco Peixoto, não possuía alfaias ou quaisquer móveis, tinha apenas um altar com um *crucifixo em pedra*, nada mais que o cruzeiro com a representação da Crucifixão que atualmente está incorporado no altar da capela de Nossa Senhora do Amparo.

Embora este pedido de reedificação seja assinado pelo pároco, representante da comunidade de fiéis junto da diocese, crê-se que o principal impulsionador desta obra fosse o Sr. Paulino Tristão, na época a viver na Casa de Fontebela (ou de Pegas).

O projeto apresentado à diocese não foi seguido na íntegra. Houve algumas alterações reportadas ao bispo pelo vigário da vara do primeiro distrito eclesiástico de Lousada, o padre Joaquim Coelho da Silva, na sequência da vistoria à capela que foi solicitado a fazer. Em vez de um campanário seria construída uma torre sineira e em substituição de um janelão na frontaria seria inserido um vão em forma de Cruz de Cristo.

Embora o pároco tenha informado a diocese da conclusão da obra a 1 de Setembro de 1936 e, nessa sequência, solicitado licença para proceder à sua bênção, a capela estava ainda com a torre por concluir. Aliás, a torre, ainda hoje, se mantém inacabada.

3.2. Capela de Nossa Senhora da Vida

Exibindo bom estado de conservação, este templo, particular, de invocação a Nossa Senhora da Vida, encontra-se unido transversalmente ao alçado nordeste da Casa de Rio de Moinhos. De planta retangular e telhado de quatro águas coberto com telha de meia-cana, esta capela revela um cuidadoso desenho arquitetónico, sobressaindo a organização da fachada em três níveis, abrindo-se ao centro a porta principal e, em plano elevado, três janelas de vergas em arco levemente curvado. No remate superior

da janela central, ainda que desativado, merece realce a presença de um relógio. A sobrepujar a fachada, apoiado sobre a empena do telhado, surge um campanário de dupla sineira em arco de volta inteira. O entablamento é sucedido de uma base na qual apoia uma esfera armilar que serve de suporte a uma cruz latina. A base é ainda ladeada por dois motivos em forma de urna, rematando os cunhais.



FIGURA 2 Capela de N. S. da Vida, Casa de Rio de Moinhos.

Em 1758 a capela pertencia ao desembargador José Teles de Meneses e Melo. A construção da primitiva capela remonta, pelo menos, à primeira metade do século XVII e estava localizada no rossio fronteiro, sem ligação com a casa, circunstância que se terá mantido até 1847. Por essa época determina-se a sua reconstrução junto da casa, local que ocupa presentemente.

3.3. Capela de Santa Catarina

Tratava-se de um templo privado, desparecido, restando apenas uma inscrição monumental reaproveitada numa dependência de planta retangular ligada à parte sudoeste da Casa de Ribas. Parece ocupar o mesmo espaço onde outrora repousou a capela de Santa Catarina, porém, o único elemento remanescente da mesma é o referido lintel epigrafado, que oferece a seguinte leitura:

ESTA CAPELA DE SANTA CATARINA MANDOU FAZER DONA CATARINA OSÓRIO E SEU MARIDO, GONÇALO VELHO BARRETO, FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO, CAPITÃO NA HONRA DE SOBROSA, CABO MAIOR NESTE CONCELHO, ANO DE 1677.

Para a fundação da dita capela Gonçalo Velho Barreto e D. Catarina Osório doaram dez terçados e meio de pão e uma galinha, anualmente e para sempre, impostos sobre terras isentas e de herança. Este auto de doação para a fábrica da capela de Santa Catarina foi celebrado na Cancela do Ribeiro, pelo tabelião da Honra de Sabrosa, João Luís, a 7 de Novembro de 1677.

5. Personalidades

Na questão 18 do inquérito, na parte relativa à Terra, perguntava-se: *Se há memória de que florescessem, ou dela saíssem alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas* – tendo o pároco referido duas personalidades.

5.1. José Teles de Meneses e Melo

Foi uma das personalidades mais destacadas do seu tempo, salientando-se a sua carreira na magistratura, que o conduziu ao exercício do cargo de desembargador da Casa da Suplicação, tribunal superior do reino.

Nasceu na Casa de Rio de Moinhos no dia 19 de abril de 1710, filho de Manuel Teles de Meneses, senhor das quintas

4. Toponímia

TABELA 1 Tabela de dados toponímicos contidos na Memória Paroquial de Covas de 1758.

Denominação (antiga-1758/atuai)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Almedinha	Trata-se de uma variante do topónimo «Almedina», com origem no árabe <i>al-madinâ</i> , «a cidade». Em Portugal, o próprio vocábulo «Almedinha» já aparece documentado pelo século XIV em diversa documentação ³ .
Bougega	Topónimo de origem obscura ou não determinada.
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ⁴ . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Granja	Do latim popular <i>granica</i> , derivado de granu – pelo fr. <i>grange</i> . Em alguns documentos baixo medievais surge como topónimo ⁵ . Expressa pequena propriedade agrícola rural.
Passo/Paço	Topónimo muito frequente no Norte de Portugal e Galiza. Do latim <i>palatiu</i> – «palácio». Na Idade Média expressava a residência senhorial do proprietário de uma quinta ou vila. Neste período surge frequentemente documentado sob a forma de <i>Palacio</i> , <i>Palatio</i> , <i>Palatjo</i> , etc.
Penedo	Topónimo muito frequente em nomes simples e compostos, quer em Portugal, quer na Galiza ⁶ .
Ribas	Ribas deriva do latim <i>ripa</i> , - ae, e expressa margem ou arriba.
Rodemunhos/Rio de Moinhos	Redemoinho, Redemunho, Redemuno, entre outras variantes, são termos que se ligam a moinhos, todavia, não à estrutura em si, antes mais a círculos formados na água, do tipo quando se lança uma pedra ⁷ ou quando a água serpenteia as margens de um rio ou ribeiro sinuoso.

da Granja (Covas) e de Rio Falcão (Figueiras), e de Josefa de Meireles Bernardes da Fonseca, herdeira da Casa de Rio de Moinhos.

Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra matriculou-se em *Instituta* (cadeira preparatória) no ano de 1725, seguindo para a faculdade respetiva (de 1726

³MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1967.

⁴Idem - *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 460.

⁵Idem - *Dicionário Etimológico...*, Vol. II, 1967.

⁶Idem - *Dicionário Onomástico...*, Vol. III, 1993, p. 1156.

⁷Idem - *Dicionário Etimológico...*, Vol. III, 1967.



FIGURA 3 Casa de Rio de Moinhos, onde nasceu José Teles de Meneses e Melo.

a 1730), onde concluiu a formatura a 18 de julho de 1731. Em 1734 iniciou a carreira na magistratura como Juiz de Fora de Penamacor. Por Carta de D. José de 30 de março de 1754 foi nomeado desembargador da Casa da Suplicação. Por carta régia de 8 de outubro de 1767 foi designado Conservador da Universidade de Coimbra.

Casou a 24 de junho de 1763, em São Dinis, Vila Real, com Ana Joaquina Leonor Pereira Pinto de Magalhães Lacerda, filha de José Caetano Teixeira de Magalhães e Lacerda, senhor da Casa da Calçada, em Vila Real, e de Filipa Antónia Bernarda Pereira Coutinho.

Terá sido responsável pela grande reforma arquitetónica da Casa de Rio de Moinhos que lhe imprimiu o aspeto que apresenta atualmente, para além de ter contribuído muito para a constituição do valioso arquivo familiar desta casa. Conta-se que terá evitado julgar o caso do duque de Aveiro, implicado no atentado contra D. José, contrariando a vontade do futuro marquês do Pombal.

5.2. António do Couto Ribeiro

Personalidade algo ignorada, quase obliterada da memória local, António do Couto Ribeiro era reconhecido pelos seus contemporâneos na freguesia de Covas, apesar de se ter ausentado da sua terra ainda muito novo. Em 1758 o seu percurso de vida era notório e por isso o pároco memorialista decidiu mencioná-lo entre os homens ilustres procedentes desta freguesia.

Nasceu em Covas, no lugar de Ribas, em 15 de junho de 1711, filho de Manuel Ribeiro e de Águeda do Couto, mora-

dores no lugar da Costa; neto paterno de António Velho e de Maria Ribeiro; e materno de Diogo Teixeira e de Maria do Couto, de Figueiras.

Em 1740 encontrava-se em Lisboa, estabelecido como homem de negócios com loja de mercador na Rua dos Escudeiros, ao Rossio, tendo fornecido o pano para o fardamento das tropas do Reino para os anos de 1749 a 1751. Neste mesmo ano, sendo ainda solteiro, obteve o cargo de Familiar do Santo Ofício. Cerca de dez anos depois já tinha fixado residência na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, onde vivia, casado com D. Luísa Joaquina de Abreu. Desconhece-se como enveredou pela carreira militar, mas em 1752 ocupava o cargo de sargento-mor de infantaria auxiliar do terço de Guimarães. Nesse mesmo ano, por alvará de D. José I, foi elevado a cavaleiro fidalgo da Casa Real, com renda mensal de 750 réis e um alqueire de cevada por dia. Por brasão passado a 17 de junho de 1752 foi autorizado a usar as armas de Ribeiro e Couto. Em 1760 obteve a mercê de cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Era irmão do padre João do Couto Ribeiro, Comissário do Santo Ofício, vigário da igreja de São José, Braga, e do padre Manuel José do Couto Ribeiro, presbítero do hábito de São Pedro.

Bibliografia

- CARDOSO, C. e SOUSA, L. (2015) – *São João Evangelista de Covas – património religioso*. Lousada: Dalmática.
 FERNANDES, Luís Ângelo (coord.) (2007) – *Covas. Viagem na História*. Lousada: EB1 Monte Sines.